

7.03.99 - Antropologia

FEMINISMOS EM IMAGENS: A ATUAÇÃO DE COLETIVOS FOTOGRÁFICOS E A CONSTRUÇÃO DE FOTOGRAFIAS FEMINISTAS

Júlia Maria Paredes^{1*}, Fernanda Rechenberg².

1. Graduanda em Ciências Sociais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (ICS-UFAL)
2. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Orientadora.

Resumo

Esta é uma pesquisa exploratória que busca situar o problema das assimetrias de gênero no campo da fotografia em Maceió e mapear a atuação de coletivos fotográficos feministas na produção fotográfica local. Caracterizado enquanto masculinista, o campo da fotografia em Maceió é demarcado por desigualdades de gênero que implicam na necessidade de estabelecer discussões sobre a fotografia realizada por mulheres, a partir de reivindicações levantadas pelas próprias fotógrafas. Surge em 2019 o grupo Punho Coletivo formado por jovens fotógrafas que, através de seus trabalhos e atuações no coletivo, acreditam produzir fotografias feministas através de uma lógica política situada na articulação entre o ativismo e o fazer fotográfico. Interessa a esta pesquisa entender as peculiaridades e os contornos políticos da cena fotográfica contemporânea em Maceió a partir do grupo Punho Coletivo, buscando compreender a relação entre o engajamento coletivo e a produção de fotografias feministas.

Autorização legal: CAAE: 31299620.5.0000.5013/ Parecer: 4.285.969.

Palavras-chave: Punho coletivo; Fotografia feminista; Maceió.

Apoio financeiro: CNPq – Bolsa de Iniciação Científica. PIBIC/UFAL.

Trabalho selecionado para a JNIC: UFAL.

Introdução

A predominância masculina no campo da fotografia maceioense endossa assimetrias de gênero que reforçam negações à presença e permanência feminina nestes espaços. A arte enquanto uma manifestação sociocultural e político-econômica não se dissocia dos fluxos de poder e economia (SOARES et al., 2018) estruturantes em nossa sociedade, portanto, reproduz problemáticas de gênero das mais diversas. Em contrapartida, o engajamento de mulheres no processo de construção de grupos e coletivos fotográficos feministas configura uma prática que visa subverter o ideal de protagonismo masculino, bem como demarcar debates acerca da presença de mulheres na fotografia, assinalando para uma atuação independente dessas fotógrafas em busca de uma disputa de narrativa na produção fotográfica local.

O Punho Coletivo se inscreve enquanto coletivo fotográfico feminista na cidade de Maceió, promovendo ações que se pautam em torno da articulação entre feminismos e fotografia. Através dessa articulação engajada e politicamente situada, o Punho Coletivo torna-se um grupo de referência na cidade por desenvolver suas práticas fotográficas em consonância com a luta feminista ativista. As fotógrafas do Punho Coletivo estão inseridas em um contexto de relação entre a luta ativista e o fazer fotográfico, destacando-se enquanto fotógrafas feministas que produzem seus trabalhos a partir de reivindicações políticas nas mais diversas temáticas. Diante deste cenário, a construção de grupos, coletivos e redes de diálogo e compartilhamento formadas por mulheres fotógrafas se apresenta enquanto estratégia coletiva de organização em torno de pautas políticas diversas.

Objetivando compreender a relação entre o engajamento de fotógrafas no Punho Coletivo e o processo de produção de fotografias feministas na cena fotográfica contemporânea da cidade de Maceió, esta pesquisa delinhou-se através de métodos qualitativos de análise e apreensão de dados, buscando:

- Mapear a atuação do Punho Coletivo em Maceió;
- Identificar os temas mobilizados nos trabalhos e nas articulações do Punho Coletivo;
- Compreender a diversidade de experiências de desigualdade de gênero e os diferentes modos de construção de sentido que as fotógrafas atribuem às suas produções.

Metodologia

Em virtude da pandemia de COVID-19 todas as etapas desta pesquisa foram conduzidas virtualmente respeitando as medidas de distanciamento social, a fim de manter os cuidados sanitários para evitar o contágio com o novo Coronavírus. As etapas iniciais desta pesquisa contaram com encontros quinzenais de discussão teórico-metodológica entre o grupo de pesquisa para fundamentação, acompanhamento de produção textual, desenvolvimento de técnicas de pesquisa, entre outras atividades. No mês inicial (agosto de 2020) desta pesquisa, participei de uma reunião de coletivos fotográficos de mulheres com a participação de cinco coletivos fotográficos, incluindo o Punho Coletivo, onde produzi diários de campo a partir de minhas observações.

As atividades de revisão e leitura bibliográfica seguiram concomitantemente ao trabalho de campo contemplando as temáticas de gênero e fotografia, junto com o suporte do GIF – Grupo de Estudos em Imagens e Feminismos, o qual sou participante - e leituras de cunho metodológico que abordavam as técnicas de pesquisa utilizadas em campo. Com uma dinâmica de revisão bibliográfica e imersão teórica seguida de trabalho de campo e execução de entrevista em grupo de discussão, a execução desta pesquisa contou com a orientação da professora Dr^a Fernanda Rechenberg.

Em maio de 2021 realizei uma entrevista em Grupo de Discussão on-line via Google Meet com quatro interlocutoras do Punho Coletivo. O Grupo de Discussão é uma técnica que consiste em concentrar a entrevista com um grupo de sujeitos que se organizam coletivamente, visando analisar os aspectos interativos do grupo e conduzir a discussão através da concomitância entre as experiências individuais e a experiência coletiva (WELLER, 2006). Metodologicamente, esta foi uma abordagem interessante a ser aplicada à pesquisa junto ao Punho Coletivo, visto que se trata de um grupo propriamente dito formado por mulheres que já atuam juntas há certo tempo. Após a realização do Grupo de Discussão, sucederam-se os processos de transcrição e leitura da entrevista, seguidos de análise e discussão dos dados. Para apreensão geral dos dados etnográficos, fiz uma tabela onde a entrevista foi revisada e trechos específicos foram fichados para que relacionar com os aportes teórico-conceituais, situando uma relação entre as teorias e os dados de campo.

Ao final do processo de tratamento dos dados de campo, fiz uma devolutiva do conteúdo do vídeo e transcrição do Grupo de Discussão por acreditar que o conteúdo da reunião seria interessante e proveitoso não somente para mim enquanto autora desta pesquisa, mas também às fotógrafas do Punho Coletivo. Os materiais transcritos podem ser potencialmente adequados para gerarem reflexões entre as interlocutoras e as pesquisadoras, promovendo uma experiência de pesquisa compartilhada e colaborativa entre os sujeitos (FLEISCHER, 2015). Após a apreensão dos dados em perspectiva com o aporte teórico, prossegui com a fase de escrita.

Resultados e Discussão

As experiências de mulheres fotógrafas são atravessadas por conflitos de gênero que marcam suas trajetórias. O campo da fotografia em Maceió constrói-se a partir de implicações que fragilizam e dificultam a inserção e permanência de fotógrafas, tornando-se um ambiente opressivo e desestimulante às mulheres (NOCHLIN, 2016) em virtude da materialização de práticas sexistas e assimetrias de gênero no trato das relações que estão dispostas nesses ambientes. Como sugere Amélia Siegel Corrêa (2014), a epistemologia feminista contribui para que os cânones da fotografia sejam repensados levando em consideração as contribuições e articulações de fotógrafas que, ao longo do tempo e de suas histórias, permaneceram produzindo seus trabalhos e questionando os ideais de protagonismo e genialidade masculinos.

Através de uma produção politicamente situada e do engajamento na construção de redes de produção e apoio, mulheres fotógrafas vêm reivindicando espaços e reafirmando seus lugares na fotografia contemporânea de Maceió. Em 2019 o coletivo fotográfico Punho Coletivo surge com o propósito de discutir os problemas de gênero presentes na produção fotográfica local, as condições artísticas e profissionais as quais estão submetidas as fotógrafas de Maceió e promover espaços de discussão, formação e compartilhamento sobre fotografia, consolidando-se enquanto um coletivo fotográfico feminista de referência por seu engajamento político e a multiplicidade de temáticas e trabalhos abordados por suas fotógrafas integrantes.

O grupo se organiza através de uma produção politicamente engajada com um ideal de feminismo plural e interseccional (AKOTIRENE, 2019) voltado à articulação coletiva entre mulheres, criando possibilidades de representatividade através desses engajamentos. Unidas não somente pelo ofício com a fotografia, mas também por experiências marcadas pela desigualdade de gênero, as fotógrafas do Punho Coletivo produzem seus trabalhos e se engajam coletivamente como estratégia de conferir sentido político às suas fotografias, tendo seus atravessamentos, trajetórias e posições políticas como norteadores de seu fazer fotográfico.

É preciso considerar primeiramente que os sujeitos que produzem fotografia em Maceió, sejam homens ou mulheres, estão socialmente localizados em contextos materiais, culturais e econômicos distintos uns dos outros (NOCHLIN, 2016), e que fotógrafos dispõem de condições relativamente mais favoráveis à

produção, visto que os aspectos estruturais da fotografia reservam aos homens posições de privilégio que se mantêm através de fluxos de poder dispostos nas relações de gênero na fotografia (SOARES et. al., 2018).

O engajamento no Punho Coletivo permite a essas fotógrafas a apreensão de um espaço não somente de luta, ativismo e produção artística e profissional, mas que também funciona como um lugar de compartilhamento da condição de ser mulher e ser fotógrafa, compreendida conceitualmente através de teorias feministas que apontam que “mulher” é um lugar social historicamente construído e culturalmente localizado (VALLE, 2017). É a partir dessa abordagem que adentro as hipóteses de pesquisa que mobilizaram este trabalho: diante da compreensão de que essas mulheres fotógrafas produzem seus trabalhos e os articulam coletivamente a partir de vieses feministas, é possível considerar essa fotografia como feminista? É possível estabelecer uma posição ontológica (RAYMOND, 2017) a qual se analise e interprete acerca das fotografias criadas por essas mulheres? Esses questionamentos surgem a partir do reconhecimento de que através do engajamento dessas fotógrafas no Punho Coletivo, suas produções estão introduzidas nas mais diversas lógicas de representação feminista.

Claire Raymond (2017) define a noção de “feminista” como aquilo que está relacionado ao compromisso político com pautas e reivindicações coletivas em contraponto a uma práxis individualista, levando-me a interpretar as ações do Punho Coletivo enquanto canais de discurso político através da potência simbólica da imagem. Partindo da premissa de ter a fotografia utilizada enquanto instrumento de discurso político, as fotógrafas do Punho Coletivo produzem seus trabalhos artísticos autorais sob perspectivas, observações, recortes e lentes feministas, como podemos observar nos seguintes relatos¹ partilhados durante o Grupo de Discussão:

Quando a gente pensa assim o que é essa fotografia feminista, né? A primeira coisa que veio a minha mente é... Qualquer foto que não seja feita por homem! (risos) E assim, eu digo “homem” nesse sentido do que vem o peso do homem, né? Assim, aquele padrão (...). Por seguir um padrão que já é colocado, que já é canonizado (...) de fazer imagem. Eu acho que qualquer pessoa que tente sair desse padrão já tá fazendo uma imagem feminista, né? Assim, se a gente imaginar que o feminismo ele vem nessa bandeira de ser diverso, de trazer diversidade, de trazer esse olhar múltiplo. (A.M., 2021).

(...) pra mim, uma imagem feminista ela não precisa necessariamente tá abordando uma foto de uma mulher, entendeu? Acho que uma imagem que é feita por uma mulher que se identifica feminista, que se considera feminista... Então eu acho que ela é uma imagem feminista, porque isso, quando você tem contato com o feminismo, isso muda o seu olhar... (V. A., 2021).

Eu acho que a gente preza sempre muito por tornar esse processo mais consciente, né? O ato de fotografar. E de lembrar sempre de todas essas representações assim, sabe? Do que é que a gente tá colocando em cena, do que é a gente tá tirando de cena (...) acho que a palavra é mais consciência mesmo, assim, sabe? De não tentar atingir outras mulheres por meio da fotografia, nem colaborar com esse cenário que já tanto nos, enfim, nos inferioriza, nos machuca, nos coloca como um padrão do que é ser mulher (...) (M. S., 2021).

A fotografia, portanto, é interpretada e produzida enquanto uma arte subversiva, socialmente engajada e permeada por nuances e dimensões que podem ser compreendidas através de perspectivas feministas. Funciona enquanto um canal de superação de emancipação e reinvenção da realidade através da criação de um mundo-imagem fotográfico feminista (RAYMOND, 2017) onde as fotografias, enquanto objetos de comunicação visual exprimem discursos políticos em suas mais diversas temáticas, visto que o repertório autoral das fotógrafas do Punho Coletivo é vasto e múltiplo, abordando desde fotografia de rua, fotografia documental, fotografia de folgedos populares e manifestações culturais até autorretrato e uma produção sobre representação feminina que foi o primeiro trabalho coletivo do grupo em sua época de surgimento.

Conclusões

A potência simbólica de uma imagem considerada feminista é construída a partir de aspectos e significados culturais, temporais e históricos, rejeitando as ideias de unidade e universalidade. O feminismo, enquanto expressão política e representativa de lutas coletivas culturalmente localizadas, igualmente rejeita

¹ Fragmentos de diálogos partilhados durante o Grupo de Discussão por três interlocutoras, respectivamente: A. M., V. A. e M. S.

noções universais; este é plural, diverso e multifacetado. Existem diferenças que se colocam entre essas fotografias feministas em seus mais diversos temas, enfoques e dimensões, e é a partir da interpretação da diferença enquanto uma categoria analítica de observação (BRAH, 2016) que se pode construir uma nova reflexão acerca dessas produções fotográficas e associá-las a um repertório consciente e politizado norteado por perspectivas feministas, ressaltando também os contextos e subjetividades diferentes entre as próprias fotógrafas do Punho Coletivo.

As fotografias feministas representam leituras socioculturais e políticas (RAYMOND, 2017) produzidas acerca de um determinado contexto, situando as fotógrafas enquanto autoras de imagens que compõem outras narrativas em relação às fotografias feitas por homens. As fotógrafas do Punho Coletivo produzem fotografias feministas por estarem inseridas numa lógica política situada na articulação entre o ativismo e o fazer fotográfico, destacando suas posições enquanto mulheres feministas engajadas em produzir fotografias através dessa perspectiva. São fotógrafas que fazem trabalhos em diversas temáticas e que também estão inseridas no mercado de trabalho disputando espaços na fotografia profissional, trazendo uma multiplicidade de imagens que imprimem não somente a versatilidade dos trabalhos autorais dessas mulheres, mas também a amplitude das lógicas representativas direcionadas à fotografia feminista.

Os feminismos do Punho Coletivo funcionam enquanto lentes cujos objetivos são representar algo de novo à produção fotográfica local. Acentuando que fazem fotografias feministas por serem mulheres feministas, as fotógrafas do Punho Coletivo assumem posturas políticas que as demarcam enquanto fotógrafas feministas, sendo esta uma categoria que engloba feminismos diversos, multifacetados, plurais e não mais homogeneizadores. Como desdobramento investigativo deste panorama, é interessante para os próximos passos desta pesquisa identificar os aspectos estéticos e discursivos que compõe essas fotografias feministas enquanto contra narrativas artísticas e políticas, bem como identificar os desafios e pormenores acerca da atuação do Punho Coletivo no tocante de fatores como as conexões com outros coletivos dentro e fora de Maceió e a relação do grupo com outras mulheres fotógrafas em Alagoas, aspectos que continuarão enquanto questões para minha reflexão.

Referências bibliográficas

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamilia Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BRAH, Avtar (2006). "Diferença, diversidade, diferenciação". **Cadernos Pagu**, n. 26.
- FLEISCHER, Soraya. (2015). Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados em um centro de saúde na Guariroba (Ceilândia/DF). **Ciênc. saúde coletiva [online]**, vol.20, n.9, pp.2649-2658.
- NOCHLIN, L. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016.
- PUNHO COLETIVO. (2019). "Nosso manifesto". **Medium.com**. Acesso em 09 set. 2021.
- RAYMOND, Claire. (2017). "Pode haver uma estética feminista?". **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 32, p. 31-44.
- SOARES, Maria Thereza Gomes de Figueiredo; FEITOSA, Márcia Manir Miguel; FERREIRA JUNIOR, José. Um olhar sobre a fotografia feminista brasileira contemporânea. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e46645, 2018
- VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do. **Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife**. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2017.
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, Aug. 2006.
- WOOLF, Virginia. (2014). **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas.